

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

FERNANDA MAURA ROSA

**BEBÊ-CONFORTO, CONFORTO PARA QUEM? REFLEXÕES
ACERCA DA SUA PERTINÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.**

**Florianópolis
Junho de 2019**

FERNANDA MAURA ROSA

**BEBÊ-CONFORTO, CONFORTO PARA QUEM? REFLEXÕES
ACERCA DA SUA PERTINÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Pedagogia do Centro de Ciências da Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do grau de Graduando em Pedagogia.

Orientador: Alexandre Toaldo Bello

**Florianópolis
Junho de 2019**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Rosa, Fernanda Maura

Bebê-conforto, conforto para quem? : Reflexões
acerca da sua pertinência na educação infantil. /
Fernanda Maura Rosa ; orientador, Alexandre Toaldo
Bello, 2019.

69 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Ciências da Educação, Graduação em Pedagogia,
Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Pedagogia. 2. Bebê. 3. Bebê-conforto. 4.
Educação Infantil. I. Bello, Alexandre Toaldo . II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Pedagogia. III. Título.

Fernanda Maura Rosa

**BEBÊ-CONFORTO, CONFORTO PARA QUEM? REFLEXÕES
ACERCA DA SUA PERTINÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.**

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Licenciada em Pedagogia e aprovado em sua forma final pelo Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 24 de junho de 2019.

Prof. Jocemara Triches, Dr.^a
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora

Prof.^a Alexandre Toaldo Bello, Dr.
(MEN/ CED/ UFSC)
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Katia Adair Agostinho, Dr.^a
(MEN/ CED/ UFSC)
Examinadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Ana Paola Sganderla, Dr.^a
(MEN/ CED/ UFSC)
Examinadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Patrícia de Moraes Lima, Dr.^a
(MEN/ CED/ UFSC)
Examinadora/Suplente
Universidade Federal de Santa Catarina

Dedico este trabalho a minha família,
amigos e professores que sempre me
incentivaram a não desistir.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus, por ter me dado força e saúde para chegar até aqui.

Quero agradecer aos meus pais, Maura e Alcino e aos meus irmãos Cláudio e Claudete por estarem sempre ao meu lado me apoiando em todos os momentos e me incentivando em cada decisão tomada, por entenderem a minha ausência em alguns momentos para poder estudar.

Agradeço ao meu marido, José Carlos Silva Júnior por ter me incentivado a fazer o vestibular da UFSC, por toda paciência e incentivo ao longo desses anos, por nunca ter deixado eu desistir dos meus objetivos. Por ter entendido os momentos que eu precisei estar ausente, para estar estudando.

Quero agradecer a minha filha Valentina que desde bebê teve que dividir sua atenção com meus estudos. Filha você é meu combustível diário e principal nesta reta final da faculdade. Essa conquista é para você, meu amor!!

Quero agradecer aos meus sogros Claudete e Zeca por todo o suporte e apoio de quando eu passei no vestibular, cedendo sua casa para que eu pudesse morar e fazer faculdade, sempre me apoiando para que eu não desistisse. Obrigada por todo apoio após o nascimento da Valentina, me dando suporte e ajudando a cuidar dela, enquanto eu precisava estar em aula ou estudando para a conclusão deste trabalho.

Agradeço aos meus cunhados Ana Carla e Luís Felipe, por terem dividido comigo a seus pais e por todo apoio sempre.

Quero agradecer aos meus colegas de trabalho, que de alguma forma participaram comigo deste caminhar, alguns em especial por sempre dividirem comigo suas experiências profissionais.

Agradeço aos professores por cada ensinamento ao decorrer desta caminhada que contribuíram para a minha formação, tanto pessoal como profissional. Em especial ao meu professor e orientador Alexandre Toaldo Bello, por ter aceitado me orientar na construção deste trabalho. Muito obrigada, principalmente por sempre ter me tranquilizado ao longo destes meses de orientação, por ter sido tão atencioso a cada orientação, parceiro e compreensível nos meus momentos de dificuldade. Muito obrigada!!

Agradeço aos amigos que fiz na UFSC, muito obrigada por cada palavra de incentivo. Quero agradecer principalmente a Nicole minha amiga que a faculdade me deu e que foi minha parceira em todos os momentos nunca me deixando desistir.

Obrigada a todos que de alguma forma ou de outra contribuíram para que eu chegasse até aqui. Serei eternamente grata!!

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo questionar a utilização do bebê-conforto como recurso pedagógico nas instituições de Educação Infantil. compreender o uso do bebê-conforto dentro do ambiente educacional é possível pensar qual a função deste dispositivo nas instituições de educação infantil? O estudo teve como base experiências profissionais e pessoais da pesquisadora, frente as atividades realizadas no âmbito educacional, aliadas as pesquisas bibliográficas que complementam a temática abordada. O processo para a realização deste trabalho é baseado na pesquisa bibliográfica e a cumpre de maneira qualitativa. Contudo, foi necessário percorrer alguns caminhos para chegar até aqui. Durante este percurso foram encontradas dificuldades no que se refere as fontes de pesquisa bibliográficas em sites como Scielo, periódicos da Universidade Federal de Santa Catarina, periódicos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que abordssem sobre os bebês-conforto nas instituições de educação infantil. Devido a esta dificuldade se fez necessário recorrer a outros produtores de conhecimentos como blogs, revistas, sites que tratassem do assunto e que aqui são entendidos como pedagogias culturais.

Palavras-chaves: Bebê; Bebê-conforto; Educação Infantil;

SUMÁRIO

1. PARA COMEÇO DE CONVERSA	15
2. DESASSOSSEGOS INICIAIS	17
3. O QUE PRETENDO.....	21
4. BUSCANDO CAMINHOS PARA COMPREENSÃO: PEDAGOGIA CULTURAL.....	23
5. POR ONDE ANDEI: APONTAMENTOS METODOLÓGICOS.....	27
6. O QUE FAÇO COM ISTO: PROBLEMATIZANDO ACERCA DO TEMA.....	31
7. BEBÊ-CONFORTO ME TRAZ UM CERTO DESCONFORTO.....	43
8. BEBÊ-CONFORTO E AS IMPLICAÇÕES PARA ALÉM DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL.....	47
PARA FINALIZAR	51
REFERÊNCIAS	53
ANEXOS	57
ANEXOS A – RESOLUÇÃO CONTRAN Nº 277, DE 28 DE MAIO DE 2008.....	58
ANEXO B - MANUAL DE INSTRUÇÕES BEBÊ-CONFORTO GALZERANO	63

1. PARA COMEÇO DE CONVERSA

Partindo das minhas experiências como sujeito atuante na educação infantil, foi possível perceber como a utilização do bebê-conforto se desenvolvia nesses espaços. Observei que seu uso era muito comum em salas de referências com bebês de 04 a 1 ano e 11 meses o bebê-conforto, para serem utilizados como apoio e auxílio pelas professoras na rotina diária com os bebês.

Portanto, essas experiências impulsionaram a reflexão sobre as implicações que a utilização do bebê-conforto pode ter dentro das instituições, caso um bebê fique nele por um período relativamente longo. Ao longo do texto questiono, qual a função do bebê-conforto no ambiente da instituição de educação infantil como recurso pedagógico?

Para a realização deste trabalho se fez necessário percorrer alguns caminhos para chegar até aqui e delimitar meu corpus de pesquisa, algumas dificuldades foram encontradas ao decorrer desta caminhada, no que se refere, a pesquisa bibliográfica que abordasse sobre os bebê-conforto nos espaços das instituições de educação. Ou seja, havia pouco material disponível principalmente nos sites como Scielo e Periódicos da Universidade Federal de Santa Catarina e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Devido a esta dificuldade foi preciso recorrer a outros produtores de conhecimentos como blogs, revistas, sites que tratassem do assunto e que aqui serão entendidos como pedagogias culturais.

Em seguida apresentarei meus objetivos de pesquisa que tem como intuito questionar acerca da utilização do bebê-conforto como recurso pedagógico na educação infantil. E assim, instigar os profissionais à reflexão acerca do uso do bebê-conforto perante o desenvolvimento infantil.

Ao longo do texto, com o intuito de questionar acerca do tema trago algumas citações de reportagens extraídas de sites, blogs e revistas para um aprofundamento reflexivo acerca da problematização do bebê-conforto nas instituições de educação infantil. Por se tratar de um objeto, cuja sua função principal é o transporte de crianças em veículos. Essas reflexões e questionamentos são importantes para que possamos como profissionais da área educacional, refletir e criar alternativas para diminuir a utilização deste artefato nas suas salas, por não ser um objeto seguro para aquele ambiente.

Como mãe e profissional, também reflito a acerca da utilização do bebê-conforto, pois, este objeto tão utilizado nas instituições de educação infantil, me causa um certo desconforto. Essa sensação se dá pelo fato deste aparato diminuir a interação dos bebês nos espaços onde estão

inseridos e os riscos, no que refere, a segurança dos bebês. Além de limitar alguns movimentos, trazendo danos posteriormente ao desenvolvimento infantil, ou seja, o bebê nessa fase precisa explorar o ambiente no qual está inserido.

2. DESASSOSSEGOS INICIAIS

Ao estar inserida na educação infantil, observei que, tanto a rede privada quanto a rede pública de ensino utilizam o bebê-conforto. O atendimento se dá aos bebês com as faixas etárias que se estendem dos 04 meses a 1 ano e 11 meses. Não sendo raro, os ver também em grupos de bebês maiores. Este equipamento é utilizado pelas professoras como uma ferramenta pedagógica de auxílio e suporte, seja para alimentação, hora do sono ou para os bebês estarem em um “lugar seguro” enquanto a atenção das profissionais está focada em outras rotinas da educação infantil. Se por um lado existem estas produtividades, por outro podemos pensar que esta prática, em certa medida, acaba determinando maneiras de ser tanto dos bebês quanto das profissionais. Neste sentido, pretendo discutir aqui como, entendendo o bebê conforto como um artefato cultural, este equipamento ensina formas de atuação de professoras e bebês. Com base no que observei ao longo de minhas experiências, como profissional/mulher/mãe fiquei instigada a pensar sobre algumas implicações, que a utilização do bebê-conforto pode trazer.

Para a construção deste trabalho, busquei responder aos questionamentos que estiveram presentes durante minha atuação profissional junto aos bebês. Com olhos interessados, me fixei naquelas “cadeirinhas” que hibridizam várias possibilidades de utilização. Um olhar mais atento e cauteloso me direcionou ao tema escolhido, que me fez refletir: que o bebê conforto pode ser entendido como uma pedagogia cultural que tem sua utilização ressignificada nestes espaços de convívio infantil. Visto que um artefato que originalmente foi fabricado para transportar bebês com segurança nos veículos acaba por ter uso em diversos momentos da rotina da educação infantil.

Conforme estabelece o Conselho Nacional de Trânsito (CONTRAN)¹ na Lei 9503, de 23 de setembro de 1997, que institui o Código de Trânsito Brasileiro, conforme o Decreto 4711 de 29 de maio de 2003:

Art.1º Para transitar em veículos automotores, os menores de dez anos deverão ser transportados nos bancos traseiros usando individualmente cinto de segurança ou sistema de retenção equivalente, na forma prevista no Anexo desta Resolução. §1º. Dispositivo de retenção para crianças é o conjunto de elementos que contém uma combinação de tiras

¹ Resolução completa no Anexo A.

com fechos de travamento, dispositivo de ajuste, partes de fixação e, em certos casos, dispositivos como: um berço portátil porta-bebê, uma cadeirinha auxiliar ou uma proteção anti-choque que devem ser fixados ao veículo, mediante a utilização dos cintos de segurança ou outro equipamento apropriado instalado pelo fabricante do veículo com tal finalidade. §2º. Os dispositivos mencionados no parágrafo anterior são projetados para reduzir o risco ao usuário em casos de colisão ou de desaceleração repentina do veículo, limitando o deslocamento do corpo da criança com idade até sete anos e meio. (http://www.denatran.gov.br/download/Resolucoes/RESOLUCAO_CONTRAN_277.pdf)

Com base no que nos mostra a Lei citada acima, essa cadeirinha que é utilizada dentro do veículo para o transporte, tendo em vista que o bebê que está ali precisa utilizar o cinto de segurança para garantir sua segurança. Sendo assim, este instrumento quando utilizado numa instituição de educação infantil dificulta as movimentações do bebê. Pois, deveria estar ali com cintos afivelados, ou seja, o bebê que permanecesse ali precisaria sempre da ajuda da professora para que colocasse ou retirasse o cinto. Com isso o bebê não teria a liberdade de explorar o ambiente em que está, caso não fique com os cintos afivelados ao estarem no bebê-conforto. Assim, o bebê acaba estando exposto a risco de acidentes por tombamentos, por se tratar de bebês maiores que já conseguem se movimentar com facilidade. Deste modo, parte daí um primeiro questionamento: Como recurso pedagógico qual seria a função do bebê conforto no ambiente de um Núcleo de Educação Infantil?

Que sentidos os bebês podem estar produzindo enquanto estão utilizando este artefato. Se entendermos que este equipamento pode ser uma pedagogia cultural², ele pode ao mesmo tempo, em que diz coisas aos bebês, também pode fazer enunciações para os adultos, que o utilizam como recurso. É importante estarmos atentos à utilização deste equipamento visto que ele pode trazer uma sensação de isolamento, em alguma medida restringir possibilidades de movimentações e interações. Faça estas duas referências apenas para citar alguns exemplos de complicadores de sua utilização. Mais adiante neste trabalho, no capítulo *O que faço com isto: problematizando acerca do tema*, falarei sobre os

² Mais adiante, na seção 4 buscando caminhos para a compreensão: Pedagogia Cultural, falarei sobre este conceito.

riscos de acidentes e agravos em relação ao desenvolvimento de um bebê ao ficar por um longo período neste artefato.

Evidentemente que a sua utilização não deve ser demonizada. Existe neste equipamento um conjunto de possibilidades de utilização que podem, em grande medida, ser facilitadoras das rotinas da educação infantil. Podemos citar como exemplos, os tempos em que os bebês necessitam para descansarem e se alimentarem. Todavia, é importante estarmos atentos, para o fato de que eventualmente este auxílio pode ser utilizado de forma excessiva. Conforme aponta pesquisa realizada por Jacira Carla Bosquetti Muniz³ (2017):

Foi possível perceber que muito comum a esse grupo estava o uso do bebê conforto. Nesse contexto, os bebês ficavam por um período razoavelmente longo, geralmente mais afastados do movimento habitual dos bebês. Lá, os bebês mantinham uma rotina mais sossegada, sem que com isso garantisse que fossem despertos por aqueles que procuravam por uma relação. (MUNIZ, 2017, p.316)

Ao estarem no bebê-conforto por um período mais longo, o bebê acaba não interagindo com aqueles que buscam uma relação, muitas vezes limitando alguns dos seus movimentos. Desta forma, este artefato deveria ser utilizado apenas em períodos que os mesmos necessitassem relaxar, se alimentar e dormir.

Nesta faixa etária o bebê necessita de um ambiente que desperte nele a curiosidade para que possa explorar o ambiente e assim se desenvolver e interagir, necessitando de tal modo que o espaço seja organizado e planejado de maneira que o ele possa criar significados e assim se desenvolver. As instituições de educação infantil devem ser o lugar onde os bebês possam realizar trocas, adquirir experiências e descobrir o mundo através dos sentidos e do que lhe é apresentado naquele espaço que estão inseridos. A partir disso diminuiria o tempo que o bebê fica no bebê-conforto, pois ele trocaria o aconchego deste artefato, por tudo aquilo que está sendo apresentado no ambiente que ele faz parte, tendo assim suas trocas com o meio ao qual está inserido. Para uma melhor compreensão acerca do bebê-conforto a seção a seguir tratará sobre este objeto presente nas instituições de educação infantil.

³ Em pesquisa de mestrado realizada pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina na Linha de Pesquisa Educação e Infância e Graduação em Pedagogia, no de 2017.

3. O QUE PRETENDO

- Problematizar acerca da utilização do bebê-conforto como recurso pedagógico na educação infantil.
- Instigar nós profissionais a reflexão acerca do uso do bebê-conforto para além do desenvolvimento dos bebês.

4. BUSCANDO CAMINHOS PARA COMPREENSÃO: PEDAGOGIA CULTURAL

Para que possamos compreender melhor este artefato já citado ao longo deste trabalho, trago nesta perspectiva para um melhor entendimento do bebê-conforto nas instituições, o conceito de pedagogia cultural. Este conceito anseia ampliar os conhecimentos da educação para que ultrapassem os limites da escola, neste sentido o bebê conforto vai ao encontro dessas pedagogias como artefato cultural, por se tratar de um produtor de conhecimento que por algum motivo está inserido em grande parte das instituições de educação infantil, tanto públicas quanto privadas, auxiliando a rotina das professoras que atuam com bebês.

Embora, dado o tempo exíguo para a execução deste trabalho, os estudos culturais não sejam o principal aporte teórico, trago Paula Deporte de Andrade e Marisa Vorraber Costa (2017), na tentativa de um entendimento de que os bebês-conforto podem ser percebidos como artefatos culturais, ou seja,

(...) dadas as condições de emergência e invenção do conceito de pedagogias culturais, e dadas suas vinculações teóricas e seus usos, qualquer tentativa de circunscrever o conceito, de capturá-lo em uma definição estreita e demasiadamente demarcada seguiria na contramão de sua flexibilidade e das possibilidades que têm instaurado. Parece-nos que, mais produtivo do que cercar o conceito para afirmar o que são “mesmo” essas tais pedagogias culturais, seria investigar suas condições de possibilidade e os significados denotativos que a articulação dessas condições oferece ao conceito. (ANDRADE e COSTA, 2017, p. 18)

Cabe salientar que, conforme as autoras acima citadas, o conceito de pedagogias culturais, ensina e transmite alguns conhecimentos. Através dos seus diferentes locais de produção, seja pelas mídias, revistas, blogs, brinquedos, propagandas, entre outros. Não se limitando a uma educação ofertada apenas pela escola. Neste sentido, trago novamente Marisa Vorraber Costa (2000) que observa que os Estudos Culturais parecem ser intensamente permeáveis as mudanças históricas, ou seja:

[...]à diversidade de ênfases problemáticas em diferentes momentos e geografias, e têm se caracterizado pelo debate amplo, pela divergência e pela intervenção. As discussões iniciais,

fortemente impulsionadas pela centralidade da problemática de classes sociais, foram sendo mescladas, diversificadas e até mesmo substituídas por outras questões temáticas. A imensa disseminação e a sofisticação tecnológica de artefatos culturais, como o cinema, a televisão e a telemática, por exemplo nos últimos trinta anos instigaram o surgimento de novas e produtivas formas de pesquisa e debates. (COSTA, 2000, p. 34)

Ao falar em educação devemos pensar em algo além da transmissão sistemática de conhecimento referente a determinados assuntos. É importante pensarmos em uma educação que está presente no mundo contemporâneo, de forma mais ampla, em seus diferentes diálogos. Entender que por meio da cultura nos construímos como sujeitos. A cultura vai além dos saberes e conhecimentos adquiridos na escola, pois aprendemos em diversas instâncias culturais. A cultura, neste sentido, é fundamentalmente um processo de produção de conhecimentos.

Nessa perspectiva Tomaz Tadeu da Silva (2010) nos diz que os estudos culturais realizam uma espécie de relação entre essas diferentes formas culturais, ou seja:

Se é o conceito de “cultura” que permite equiparar a educação a outras instancias culturais, é o conceito de “pedagogia” que permite que se realize essa operação inversa. Tal como a educação, as outras instancias culturais também são pedagógicas, também têm uma “pedagogia” também ensinam alguma coisa. Tanto a educação quanto a cultura em geral estão envolvidas em processos de transformação da identidade e da subjetividade. (SILVA, 2010, p. 139)

Valho-me da fala de Cláudia Amaral dos Santos, quando se refere às pedagogias culturais dizendo que não se deve hierarquizar artefatos culturais:

(...) não diferenciando entre os artefatos culturais de alta e baixa cultura, uma vez que os estudos culturais como textos produzidos através de processos de construção social e articuladores de significados, assim como a cultura deixa de ser vista como a cultura (elitista) e passa a estar ligada

ao domínio político, a ser visto de forma muito mais abrangente. (SANTOS, 2004, p. 13)

Nesta esteira, no percurso de escrita deste trabalho, venho utilizando alguns excertos de revistas, blogs e leis como recursos argumentativos acerca do tema proposto. É importante, antes disto, que pensemos que uma das possibilidades de entender artefatos culturais é pensá-los como objetos que possuem um conjunto de significações dentro de uma dada cultura (Fabris, 2000).

Neste sentido entendo que, ao problematizar a utilização do bebê-conforto, seja interessante trazer para a discussão os discursos que circulam em torno deste artefato cultural. Haja vista que vale destacar, segundo Fabris (2000, p. 258), que “Artefato Cultural é qualquer objeto que possui um conjunto de significados construídos sobre si.” O próprio nome do objeto associa o bebê ao conforto. Sendo assim, esta pedagogia cultural ensina determinados entendimentos de conforto, as pessoas significam este artefato como sendo um lugar confortável para o bebê estar, o que muitas vezes pode se tornar um lugar de aprisionamento ao invés de aconchego para ele. Levando em consideração que se o bebê que está nesse artefato não o entende como um lugar de aconchego, é provável que ele tente sair do mesmo, implicando assim na sua segurança. A seção a seguir abordará sobre os caminhos percorridos para a realização desta pesquisa.

5. POR ONDE ANDEI: APONTAMENTOS METODOLÓGICOS

O processo para a realização deste trabalho é baseado na pesquisa bibliográfica e a cumpre de maneira qualitativa. Segundo Antônio Carlos Gil (2002):

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. (GIL, 2002, p. 44)

Diante das pesquisas bibliográficas, as observações e os diálogos referente ao bebê-conforto com professoras, mães e comigo diante das minhas experiências, foram abordados fatores que nos levaram a um comum acordo quanto ao uso desse objeto, fazendo com que pudéssemos refletir sobre nossas práticas. Desta forma Rosália Duarte (2002):

Uma pesquisa é sempre, de alguma forma, um relato de longa viagem empreendida por um sujeito cujo olhar vasculha lugares muitas vezes já visitados. Nada de absolutamente original, portanto, mas um modo diferente de olhar e pensar determinada realidade a partir de uma experiência e de uma apropriação do conhecimento que são, aí sim, bastante pessoais.” (DUARTE, 2002, p.140)

Para Maria Carmen Silveira Barbosa (2006):

Construir as aproximações metodológicas ao campo de pesquisas deste estudo, senti-me como imergindo em um canteiro de obras, tentando estabelecer os contornos do terreno, escolhendo os materiais, fazendo as fundações que assegurassem estabilidades, ainda que imparcial, do conteúdo, fazendo-o resistente e de preferência, compreensível, útil e bonito. (BARBOSA, 2006, p. 28)

A partir desta necessidade de compreendermos o bebê-conforto dentro das instituições de educação infantil, resolvi aprofundar sobre a temática pesquisada e encontrei dificuldades em localizar trabalhos acadêmicos nos sites como Scielo, periódicos da Universidade Federal de Santa Catarina e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por se

tratar de um tema pouco pesquisado. Devido a esta dificuldade foi necessário recorrer a pesquisas em blogs, sites e revistas que abordavam sobre a utilização do bebê-conforto, sendo um local de fácil acesso a esse material. Conforme mostra quadro 1 a seguir:

Quadro 1 - Dados de Pesquisa em Blogs, Revista e Sites

Site	Link	Autor	Sobre o autor
Revista Crescer	https://revistacrescer.globo.com/Bebe/s/Seguranca/noticia/2016/07/bebe-conforto-atencao-ao-usar-o-acessorio-fora-do-carro.html	Raquel Temistocles	Formada em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero e Pós-Graduada em Cinema, Vídeo e TV pelo Centro Universitário Belas Artes. Possui experiência como repórter do site e da Revista Monet, publicação da Editora Globo sobre entretenimento.
Antes que eles cresçam	https://antesqueelescrescam.com/2014/05/29/bebe-conforto-use-com-moderacao/	Fabi Corrêa	Formada em Jornalismo e Consultora de Imagem. Mãe, estudante de antroposofia e super antenada em moda e educação.
Empório do bebê e cia	https://blog.emporiodobebecia.com/2016/06/15/tem-problema-deixar-o-bebe-dormir-no-bebe-conforto/	Barbara B. Batista	Mãe, nutricionista, apaixonada pelo mundo da maternidade, fundadora da loja virtual Empório do Bebê e Cia. Em seu blog, as grávidas e mães encontram um conteúdo transformador sobre esse universo da maternidade, para que a sua experiência se torne cada vez mais feliz e plena.
Uai	https://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2013/06/13/noticias-saude.194429/bebe-conforto-e-necessario-e-util-mas-nao-deve-substituir-o-colo.shtml	Carolina Cotta	Jornalista e Mestre em Comunicação e Sociabilidade Contemporânea pela UFMG. Possui Experiência em comunicação organizacional, comunicação pública, assessoria de imprensa, e jornalismo em saúde
Nova Escola	https://novaescola.org.br/conteudo/118/educacao-infantil-lugar-aprendizagem-creche-pre-escola	Paula Nadal	Paula Nadal é jornalista da revista Nova Escola e colaboradora da revista BRAVO! Estuda chinês e é especialista em Semiótica Psicanalítica. Hoje, delega parte do seu tempo para publicar neste espaço suas ‘impressões seresteiras’ sobre o (mal) estar no mundo, arte, cultura, tecnologias e outros alentos desta vida.

Fonte: Informações retiradas da internet.

Primeiramente busquei sobre o que os sites, blogs e revistas abordavam a respeito do bebê-conforto e qual era a sua “verdadeira” utilidade, se para transporte em veículos apenas ou como um suporte de apoio em qualquer outro espaço. O bebê-conforto quando utilizado em um espaço que não seja o veículo para transportá-lo com a utilização do cinto de segurança, necessitará de uma atenção redobrada, pois quando os bebês entram na creche eles possuem mais de 4 meses de idade. Ou seja, nesta fase a criança já consegue realizar maiores movimentos, tornando o bebê-conforto um lugar inseguro para ele, ficando exposto a qualquer tipo de acidente. Num segundo momento, pesquisei sobre as possíveis consequências que ele poderia trazer caso não fosse utilizado da forma correta, que danos poderia causar ao desenvolvimento do bebê que a ele estava exposto.

E por último, sabendo que a forma correta de utilização é o de transporte, como ele poderia ser substituído no ambiente escolar, deixando de ser para as professoras um local seguro para deixar os bebês. Esse instrumento pode facilitar o trabalho e o cuidado das professoras nas creches, para que possam realizar as trocas dos bebês ou até mesmo para fazê-los dormir. Porém ao ficarem por um longo período dentro desse objeto, os bebês acabam não tendo estímulos, além de que, ficando muito tempo na mesma posição, acabam por perder a troca de afeto entre criança-adulto e criança-criança.

Quando a criança fica em um ambiente aconchegante, sem o uso de um bebê-conforto pode explorar melhor o espaço e interagir uns com os outros. Estando livres, estes podem se movimentar. Esses movimentos facilitam que comecem a engatinhar, a se levantar, a se segurar nas paredes ou em objetos seguros, e até dar os primeiros passos. A seção posterior problematizará sobre o bebês-conforto nas instituições, questionando no que se refere a segurança dos bebês que estão expostos a este artefato.

6. O QUE FAÇO COM ISTO: PROBLEMATIZANDO ACERCA DO TEMA

Com o intuito de problematizar e contribuir com o debate a respeito da segurança e do desenvolvimento dos bebês, que passam um determinado tempo nos bebês conforto em algumas instituições de educação infantil, falarei sobre este artefato. Devemos pensar neste processo de construção do ambiente que deveria ser constituído na relação das professoras com os bebês. Desta forma, criando alternativas que possam diminuir a utilização deste artefato nestes espaços. Pois, sabemos que a Educação Infantil deve ser um espaço de convívio e encontro.

Partindo deste pensamento trago as autoras Adriane Regina Scaranti Pires e Gilmara Lupion Moreno (2015) que abordam que a organização do trabalho pedagógico contribui para que a criança se desenvolva, ou seja:

A organização do trabalho pedagógico deve fazer com que a criança se aproprie do mundo dos objetos e das relações. A criança deve estar num ambiente onde se sinta acolhida, segura e satisfeita, capaz de lidar com seus anseios, num ambiente rico em experiências, essencial para a construção de sua identidade. (PIRES e MORENO, 2015, p. 41653)

Educar é inerente ao cuidado, ambos se relacionam, se conversam, então ao cuidar tornamos um espaço proveitoso e significativo para os bebês. Ao mesmo tempo, torna o ambiente cheio de experiências para os mesmos e desafios para o professor. Para tanto trago Katia Adair Agostinho (2003) que em pesquisa referente ao espaço da creche aborda que:

Pensar os espaços da creche a partir do que as crianças nos indicam revoluciona, mexe, remexe, vira do avesso, desafia-nos em nossa adultez controladora, normalizadora, impositora; mas aquela criança que todos fomos mora em nossos corpos, com marcas e cicatrizes, em nossas lembranças, com emoções, visões, cheiros, sons que insistentemente nos convidam a deixar-nos seduzir, embriagar pela magia da fluidez e da autenticidade infantil.(AGOSTINHO, 2003, p. 88)

Neste sentindo, seria interessante pensar nesse espaço que o bebê está inserido e na organização do mesmo, tendo como ponto de partida o

que o bebê vai demonstrando no seu dia a dia através dos estímulos que lhe são apresentados. Pois são nestes espaços de convívios que os bebês interagem significam e ressignificam suas emoções e o que lhe é posto.

Com base nas experiências vividas, observei que os espaços podem ser melhor pensados, pois nesses lugares os bebês interagem e dão a eles novos significados. Fico com a impressão que as professoras se sentem seguras ao deixarem os bebês no bebê-conforto, o utilizam como forma de facilitar a rotina devido a necessidade de ter que se afastar um pouco para trocar outro bebê, para dar alimentação ao mesmo tempo para mais de um bebê, entre outras situações. Devido a necessidade de auxílio para que possam dar conta da rotina diária da turma o mesmo muitas vezes domina o ambiente. De acordo com Elfy Margrit Göhring Weiss:

Espaços pensados como espaços de movimentação, ludicidade, descoberta, aprendizado e que permitam dar visibilidade às crianças, sem que estejam circunscritas pelo ritmo dos adultos, pois a concepção de organização espacial pode produzir limites ou possibilidades para sua exploração, direcionando o corpo nesse espaço. (WEISS, 2012, p. 133)

Me questiono no que se refere a segurança dos bebês dentro dos bebês-conforto, por ser tratar de um objeto que originalmente foi desenvolvido para outro fim, que seria para transporte do bebê utilizando cinto de segurança. Investiguei sobre a origem do bebê-conforto. Se traria algo em seu manual que pudesse permitir sua utilização em outros espaços, que não fossem para transporte. Durante a pesquisa encontrei uma matéria publicada pela *revista crescer* em 01 de julho de 2016. A mesma mostra que o risco de queda dos bebês no/do bebê-conforto é muito grande, causando muitas vezes acidentes graves. Segundo a matéria:

Se a criança cair do bebê-conforto pode sofrer fraturas pelo corpo e se bater a cabeça, traumatismo crânio-encefálico. Caso a queda seja de lado, ele cai sobre o braço e pode ter uma fratura localizada", diz Hamilton Robledo, chefe da pediatria do Hospital São Camilo Santana (SP). Para ele, além dos pais evitarem colocar o acessório na altura dos olhos, não é recomendável que o bebê-conforto seja utilizado em crianças maiores de 4 meses, pois

elas possuem mais mobilidade e risco de cair caso haja algum descuido.”⁴

Sabendo que o tempo de licença maternidade é de no mínimo 120 dias, ou seja, igual a 04 meses. Conforme a Consolidação das Leis do Trabalho no Decreto Lei nº 5.452 de 01 de maio de 1943 em seu “**Art. 392.** A empregada gestante tem direito à licença maternidade de 120 (cento e vinte) dias, sem prejuízo do emprego e do salário. (Redação dada pela Lei nº 10.421, 15.4.2002) ” (Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del5452.htm). Tendo em vista que os bebês começam a frequentar as creches somente a partir dos 04 meses ou mais podemos pensar na problematização da utilização deste artefato na educação infantil. Sendo assim, qual a necessidade do uso do bebê-conforto nas creches? Por se tratar de um objeto que apesar de facilitar a vida das professoras na Instituição, também acaba colocando as crianças em risco caso aconteça alguma queda.

É importante ainda destacar que este equipamento tem sua utilização durante um período demasiado grande em algumas instituições. Em etnografia feita em um núcleo de educação infantil a pesquisadora Zoleima Pompeo Rodrigues⁵ relata sua utilização em grupos de crianças com idade entre um e dois anos:

No espaço do GIII essa acolhida foi atendida e pensada também para um momento mais reservado, percebidos nos bebês conforto disponibilizados para as crianças, pois isso deve ser considerado quando a alteração da rotina familiar altera os hábitos de alimentação e sono com a inserção das crianças na creche, bem como a necessidade que algumas crianças demonstram de estar com seus objetos pessoais, como brinquedos e chupetas trazidos de casa, os quais ofereciam às crianças uma segurança afetivo-emocional (RODRIGUES, 2017, p. 236)

Podemos denotar desta fala de Rodrigues que, além de ser utilizado por pelo menos até os dois anos de idade, a criança aprende que o bebê conforto é um local que pode lhe trazer “uma segurança afetivo-

⁴ <https://revistacrescer.globo.com/Bebes/Seguranca/noticia/2016/07/bebe-conforto-atencao-ao-usar-o-acessorio-fora-do-carro.html>

⁵ Doutoranda no Programa de Pós-graduação da UFSC na linha Educação e Infância. Mestra em Educação (2017) pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE/UFSC) na linha de Educação e Infância.

emocional”. Portanto, entendo que o bebê-conforto não deveria mais fazer parte da rotina do bebê, o espaço em que o bebê está inserido precisaria ser para ele o lugar em que deveria se sentir seguro através das relações afetivas e emocionais feitas nas relações de trocas com os demais do grupo ao qual faz parte. Pensar na substituição do bebê-conforto seria pensar em um ambiente com propostas que pudessem trazer para o ambiente significados para os que buscam por uma segurança. Pois, passar muito tempo exposto ao bebê-conforto, pode trazer algumas consequências principalmente no que se refere ao desenvolvimento psicomotor e cerebral do bebê.

Indo ao encontro do que foi mencionado acima no que refere ao uso exagerado do bebê-conforto o médico pediatra antroposófico⁶ Dr. Aranha (2014) em seu artigo publicado no site antesqueelescrecam.com, fala que essa utilização de forma exagerada do bebê-conforto, pode trazer consequências, pois:

Limita os movimentos numa fase ainda mais precoce e de maior importância para o desenvolvimento psicomotor e cerebral. Mais tarde isso se reflete em dificuldades de aprendizado. Para evitar isso, vamos deixar nossos bebês soltos para que tentem de novo e de novo, e se esforcem até conseguir, que superem ou lidem com suas frustrações. Um aprendizado que irão levar para a vida.

[\(https://antesqueelescrecam.com/2014/05/29/beb-e-conforto-use-com-moderacao/\)](https://antesqueelescrecam.com/2014/05/29/beb-e-conforto-use-com-moderacao/)

Contudo, o mesmo afirma que, o uso excessivo do bebê-conforto pode limitar alguns movimentos nos bebês, sendo assim se torna necessário refletir acerca da utilização deste equipamento. Pois, o que se vem percebendo é que o bebê-conforto já faz parte da rotina diária das professoras, como um objeto que garante a segurança dos bebês, tornando-o um objeto acomodativo na maioria das vezes, estruturando um

⁶ Pediatra Antroposofico: medicina integrativa e complementar que deve se integrar às demais especialidades pediátricas, apoiando e colaborando na abordagem das doenças. Além disso, é possível atuar no desenvolvimento das crianças, adolescentes, jovens e adultos a partir da visão saluto genética da antroposofia, onde não só podemos tratar doenças, mas cuidar para a manutenção e fortalecimento da saúde física e anímica do indivíduo. (<http://www.portalmedicinaesaudef.com.br/medicina-antroposofica-pediatria.html>)

olhar amplo do educador sob as ações dos bebês e diante da sua autonomia e independência. Assim entende-se o objeto como o único e principal recurso para fazer dormir, consolar o choro, alimentar-se e para momentos de conflitos, consigo, com o outro e com o meio no qual está inserido, oferecendo aconchego e segurança.

Os autores Cleido Roberto Franchi e Vasconcelos, Katia de Souza Amorim *et al* (2003) abordam em seu artigo, determinadas características dos processos interativos de crianças essencialmente no 1º ano de vida, por meio do estudo de alguns episódios de interação. Sendo assim:

O ambiente em que vivemos é impregnado por significados sociais que variam conforme a cultura do indivíduo e do agrupamento social a que ele pertence. Esse ambiente sugere condutas para o indivíduo e pode ser modificado por ele, conforme as próprias concepções, que ele tenha desse ambiente. Com isso, o conceito de interação social e a verificação da existência desse tipo de contato social entre crianças bem pequenas também estão impregnados pelos valores sócio-culturais e científicos da sociedade em que vivemos. (VASCONCELOS, AMORIM, *et al*, 2003, p. 293)

Entretanto, ao pensar no bebê-conforto seria interessante oportunizar aos bebês vivenciarem e experimentarem na hora do sono em colchonetes, permitindo os mesmos conhecerem as especificidades da roupa de cama; do travesseiro;, e o primordial; compreenderem por meio da vivência corporal seu próprio corpo em diferentes posições, proporcionando o bem-estar, a autonomia e independência no seu locomover corporal por intermédio de seus desejos e sensações pessoais. Além do colchonete, almofadas, redes, pisos com diferentes texturas, e assim se sinta mais seguro, pois ao estar dormindo no bebê-conforto esse contato acaba sendo limitado.

Todavia, sabendo que o bebê-conforto causa risco de afogamento com a própria saliva, refluxo, secreções provenientes da respiração e especificamente de alimentos sólidos, seria importante adaptá-los ao uso de cadeirões para alimentação cujo corpo dos bebês não fiquem reclinados. Sendo de suma importância estarem em uma posição vertical para a deglutição de maneira adequada, sentindo, visualizando e percebendo as cores, texturas, tamanhos, sabores e consistências e temperatura dos alimentos. Substituir o bebê conforto na hora que os bebês estão chorando por um colo para serem acalmados num abraço envolvente, os deixaria mais seguros conforme já mencionado

anteriormente, estariam sentindo o calor do contato da pele a pele, além da troca de afeto nesta relação proporcionada por este momento. Neste sentido, volto a me questionar de forma que não demonizemos este instrumento, será que ele é um objeto seguro para fazer parte da rotina dos bebês em um ambiente de educação infantil?

A revista nova escola, aborda em uma de suas matérias publicada em 8 de março de 2018, a importância de se pensar e organizar a Educação Infantil como lugar de aprendizagem. Pois, como já citado no decorrer desse texto, a matéria reforça o olhar atento que os professores devem ter com os bebês até os 2 anos por apresentarem necessidades muito individuais e como profissionais da área devemos saber lidar com essas necessidades ao longo da rotina. "O professor precisa compreender que os espaços são importantíssimos para a criança", diz a formadora Elza Corsi em sua entrevista.

“No berçário, atender às necessidades individuais e coletivas é algo extremamente significativo. O educador tem um papel fundamental nos cuidados para manter a saúde física e psíquica do bebê - dar colo, dar banho, trocar, alimentar, ninar. Além disso, entre os 0 e os 2 anos, a criança precisa desenvolver as habilidades iniciais com a linguagem oral e conquistar os movimentos.

Para tanto, o conselho é planejar detalhadamente as atividades que serão realizadas nos espaços internos e externos da escola. Ainda bebês, é recomendável que as crianças participem das primeiras rodas de história e de música, além das brincadeiras dentro e fora da sala, que as desafiem para movimentar-se. Pendurar tecidos no teto ou criar pequenos obstáculos no chão e paredes da sala de atividades e do solário com papel bolha, papel cartão, tecidos e espuma podem estimular essas conquistas e tornar os ambientes convidativos. Espelhos também são essenciais para a descoberta da identidade e da expressividade.

O berço oferece cuidado e aconchego. Mas deve ser utilizado somente por aqueles que ainda não têm autonomia suficiente para sentar ou engatinhar. A partir dos 8 meses, em média, as crianças já podem dormir em colchonetes. "Se ela já tem autonomia para engatinhar e, portanto, para explorar o ambiente, o berço não pode ser uma prisão. O colchonete permite que ela acorde e

imediatamente se envolva com o mundo ao redor", afirma Elza. (<https://novaescola.org.br/conteudo/118/educacao-infantil-lugar-aprendizagem-creche-pre-escola>)

A pediatra Vera Lúcia Venâncio Gaspar em uma matéria publicada no site *uai*⁷, em 13 de junho de 2013, afirma que “o bebê precisa de estímulo para que se desenvolva de forma adequada. Uma das formas mais eficazes é esse contato pele a pele. E esse contato não tem substituição.” Indo ao encontro da Pediatra acima citada, trago Agostinho (2003) que aborda em sua pesquisa que as crianças de zero a seis anos precisam de espaços que atendam suas necessidades:

As crianças de zero a seis anos, sujeitos de pouca idade, precisam que os espaços físicos das instituições de educação infantil atendam às suas necessidades, às diferentes necessidades das crianças quanto a gênero, idade, classe, religião, etnia, culturas, etc.; necessitam que levem em conta todas as suas dimensões: a lúdica, a afetiva, a artística, a cognitiva, a social, a física, etc. Mobilizada por estas ideias quis conhecer os espaços das instituições de Educação Infantil partindo das crianças, para saber mais sobre a forma infantil de perceber, de se relacionar, de viver no espaço físico das instituições. (AGOSTINHO, 2003, p. 5 e 6)

Diante das observações e experiências já obtidas no âmbito educacional percebi que o ambiente poderia ser mais amplo e arejado, obtendo mais objetos coloridos e com o foco primordial que é ter os objetos ao alcance dos bebês. Acreditando que, os mesmos se apropriam da sua cultura social por intermédio da interação, consigo, com o outro e o ambiente, incentivando assim a ludicidade, o faz de conta e a brincadeira simbólica. Permitindo assim, aos bebês se expressarem de diversas maneiras, se desenvolvendo de maneira integral.

Nesta perspectiva, o foco é valorizar o ambiente da sala com materiais adequados e confortáveis para que os bebês possam se sentir com autoestima, auto conforto e autoconfiança em suas escolhas. Que interajam, estimulando a motricidade fina e ampla de forma associada ao

⁷ <https://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2013/06/13/noticias-saude,194429/bebe-conforto-e-necessario-e-util-mas-nao-deve-substituir-o-colo.shtml>

desenvolvimento psicomotor, instigando a curiosidade, desafios, seus obstáculos intrapessoais como: o medo, angústia, ansiedade e o receio de se colocar diante do grupo

Desta maneira, pode-se pensar a utilização do bebê-conforto como um objeto opcional, é preciso que haja um significado, ou seja, não pode ser utilizado de forma imposta pelas professoras, mas necessita ser visto como uma ferramenta de apoio conforme os desejos dos bebês. Trago Maria da Graça Souza Horn (2004, p. 39), que vai ao encontro do que reflito “é tão importante pensar nesses espaços que acolhem e aconchegam, é tão fundamental quanto comer, beber e trabalhar.” Enfim, pensar nos bebês e entender o verdadeiro significado do bebê-conforto no contexto educacional, cujo a prioridade é a interação social, ou seja, ensiná-lo desde pequenos os valores como empatia e resiliência sob a rotina planejada no seu tempo e espaço.

Nesta perspectiva, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil trazem em seu artigo 4º que:

As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2009, p. 1)

Entretanto, os espaços devem ser intencionados para o desenvolvimento e aprendizagens dos bebês, visando o “educar e cuidar” de maneira associada nas interações diversificadas. Neste sentido, a Base Nacional Comum Curricular nos traz que:

a concepção que vincula educar e cuidar, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo. Nesse contexto, as creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente

quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação. (Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantil>)

Indo ao encontro do que foi falado, trago Weiss afirma que:

As ações de educação e cuidado devem ser trabalhadas através da ludicidade promovendo atividades estimulantes, criativas, por meio das quais as discussões criam sentido real, através da experientiação, do ver, do tocar, do representar, do desenhar, do teatro, dos jogos, da mímica, das gravuras. Sempre levando em consideração a faixa etária e o comportamento real da criança, lembrando que a aprendizagem não se dá através do mero contato com os objetos de conhecimento, mas através da intervenção deliberada do mediador, que promove o desenvolvimento de experiências interacionais quantitativas e qualitativas com o mundo histórico-cultural, transformando-as em apropriação de conhecimentos científicos. (WEISS, 2012, p. 132)

Por meio dessas ações e cuidados os bebês iriam interagir e trocar experiências entre adulto-bebê e bebê-bebê, assim promovendo seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e sócio-emocional. Trago novamente Agostinho (2004), aborda que a creche deve ser um lugar de encontro, pois vivemos em uma sociedade em que cada vez temos menos espaço para o coletivo, sendo assim:

Temos, então, enquanto adultos responsáveis pelas instituições de educação infantil a tarefa de pensar o espaço da creche como um lugar de encontro. Encaminhamento este que já vem sendo apontado pela área como frutífero e necessário para as práticas na educação infantil, num pleno exercício de humanidade. A creche como instituição coletiva de educação das meninas e meninos de zero a seis anos possibilita, oportunidades sociais novas e diferenciadas para as crianças que a frequentam, diferentes das que elas têm em casa, pela presença de muitos coetâneos e diversos adultos que não

fazem parte do espaço doméstico, tem de incorporar meios de intensificar os relacionamentos entre os três protagonistas centrais – crianças, professores e famílias- num processo de abertura à participação dos diversos membros desses segmentos e mantendo entre eles uma rede de intercomunicação. (AGOSTINHO, 2004 p. 12)

A instituição educacional tem a responsabilidade de oferecer um leque de oportunidade para o conhecimento global dos bebês, seja nas instituições públicas, ou privadas, tendo o objetivo prioritário o compartilhar da família, havendo parceria com a instituição e vice-versa. Pois, sozinhos os mesmos não terão respaldos para ter um desenvolvimento de qualidade.

O Blog *Empório do bebê e Cia* traz uma matéria publicada em 15 de junho de 2016, referente ao risco de uma criança dormir no bebê-conforto:

Recentemente, o *Journal of Pediatrics* publicou um artigo sobre os riscos de deixar a criança dormir nesse tipo de assento. Eles alertavam para problemas como a asfixia postural, que acontece quando o bebê ainda não consegue ficar sentado sozinho, e, conseqüentemente, não tem força para sustentar seus músculos e o peso da cabeça. Se por acaso ele estiver mal posicionado nesse tipo de cadeirinha, o próprio peso do bebê pode dificultar o peito e a barriga dele a fazerem a respiração correta. Pode acontecer também de a cabeça ir para frente e o queixo ficar encostado no pescoço, dificultando o fluxo do ar.

É importante também orientar babás e cuidadores a não deixarem os bebês dormirem no bebê conforto por longos períodos. Além dos riscos acima, existem pesquisas que mostram que a permanência por muito tempo na posição semi-sentada pode provocar vômitos em crianças com refluxo ou ainda diminuir a oxigenação do sangue, principalmente durante o sono.

Se pudermos estabelecer uma média, evite deixar a criança dormir no bebê conforto por mais que três horas. E prefira sempre superfícies planas, no lugar desse tipo de assessorio, para o sono do bebê. Lembre-se que, se colocado fora da base que o

acopla no carro, esses assentos são bastante instáveis e podem facilitar quedas⁸.

A matéria acima citada reforça que o bebê-conforto deve ser utilizado para o transporte conforme indicam os fabricantes. Ou seja, o bebê-conforto não deve ser utilizado como um objeto para dormir. Porém, os bebês já estão acostumados com este artefato cultural na sua rotina de sono, quando sentem sono procuram-o para descansar e dormir, já aprenderam sua utilidade naquele espaço. Para tanto, trago Lucélia de Almeida Silva (2015) que diz que em cada situação vários rituais são abordados, portanto os bebês dormirem no bebê conforto se tornou um ritual.

Em cada uma dessas situações há uma série de rituais adotados, permitindo que os bebês reconheçam qual o comportamento esperado para cada uma das situações. Quando os bebês estão na creche, eles reconhecem que, após o almoço, é o momento para o descanso; assim, as luzes da sala dos berços são apagadas, os adultos falam mais baixo, entoam canções de ninar, balançam o bebê conforto e ligam o ventilador. Em casa, os pais relatam que gastam tempo para fazer os bebês dormirem. (SILVA, 2015 p.71)

Portanto um bebê que está inserido em uma instituição de educação infantil necessita que no seu acolhimento esteja garantido o direito ao sono sem que ele seja algo imposto, mas prazeroso. Conforme Weiss:

É papel das instituições de Educação Infantil que todas as crianças acolhidas durante o dia nas creches tenham direito ao sono. Porém, assumindo a responsabilidade no cuidado do equilíbrio físico e psíquico, elas devem sempre garantir o respeito ao ritmo biológico das crianças, mesmo das maiores. O sono deve ser visto como um direito e não como imposição. O ideal é que sejam ofertadas outras opções de atividades para as crianças que não querem ou não conseguem dormir. (WEISS, 2012 p.136)

Uma outra questão que me chamou atenção se refere a alimentação que, muitas vezes, também é dada para eles quase deitados no bebê-

⁸ (<http://blog.emporiodobebecia.com/index.php/2016/06/15/tem-problema-deixar-o-bebe-dormir-no-bebe-conforto/>).

conforto. Os bebês aos quais me refiro, durante minha experiência profissional, já conseguem se sentar sem auxílio, deste modo, por que não os substituir por cadeirões adequados para alimentação, como já citado ao longo deste texto - para que os bebês possam ficar mais confortáveis durante a alimentação e não deitados como ficam no bebê-conforto, o risco de se afogarem enquanto se alimentam. A seção a seguir tratara sobre como este objeto traz um certo desconforto para mim e por isso mais uma vez, saliento a importância dessa pesquisa.

7. BEBÊ-CONFORTO ME TRAZ UM CERTO DESCONFORTO

O uso do bebê-conforto dentro do ambiente das unidades de educação infantil me causou um certo desconforto, pois impedia possibilidades de interação entre as crianças. Conforme Horn (2004, p.26), “a criança, na realidade, é uma construção social, é um ser “que existe” em plenitude no “aqui e agora”, produzindo “enredos” e inserindo-se em “cenários” que, muitas vezes, não são feitos para elas”. Portanto, ficar enclausurada dentro desse objeto faz com que essa criança diminua a interação e não se construa socialmente no aqui e agora. Horn (2004, p 28) ainda traz que: “é no espaço físico que a criança consegue estabelecer relações entre o mundo e as pessoas, transformando-o em um pano de fundo no qual se inserem emoções”.

Deste modo, falar de bebê conforto me traz um certo desconforto, Antes de me tornar mãe, eu já atuava na educação infantil, Nesta instituição em que atuei, sempre estavam presentes alguns bebês-conforto, porém as crianças nunca passaram muito tempo nesses equipamentos, estavam sempre em contato com professores e demais colegas, assim, interagindo, se desenvolvendo e explorando o ambiente da referência. Sempre buscávamos alternativas para que se tivesse um ambiente com estímulos e interação. A sala possuía muitas almofadas, tapetes para que as crianças pudessem explorar, entre outros materiais e os bebês confortos eram utilizados apenas para alimentação das crianças, que ainda não se sentavam nos cadeirões e no momento, que necessitavam relaxar um pouco, para dormir sempre utilizávamos os berços/colchonetes. Horn aborda que as crianças:

Necessitam de espaço para exercerem sua criatividade e para contestarem o que desaprovam. Ao mesmo tempo, é necessário ter a clareza que, nos primeiros anos de vida o indivíduo apresenta reações descontínuas e esporádicas que precisam ser completadas e interpretadas. Devido a essa incapacidade, ele é manipulado pelo outro, e é através desse outro que suas atitudes irão adquirir forma. Assim, estabelece-se uma reciprocidade que o acompanhará pelo resto da vida, e, nesse aspecto, a união do sujeito com o ambiente desempenha um papel fundamental. Por isso em um ambiente sem estímulos, no qual as crianças não possam interagir desde a tenra idade umas com as outras, com os adultos e com objetos e materiais diversos, esse

processo de desenvolvimento não ocorrerá em sua plenitude. (HORN, 2004, p. 17)

Nesse meio tempo, tornei-me mãe e já tinha ouvido relatos de outras mães reclamando sobre o bebê conforto, que ele não era confortável para carregar, que se a criança fosse um pouco maior (6 meses ou mais), dependendo do movimento poderia virar, e assim por diante. Quando tive minha filha, e precisei usá-lo, utilizava apenas quando necessário, no caso de transporte que ele é recomendado, sempre apelidei ele de “trambolho”, de “bebê desconforto”, porque nunca o vi como um lugar de aconchego para os bebês. A primeira oportunidade que tive de substituir ele pela cadeirinha que fica fixa no carro, minha filha tinha o peso necessário para fazer essa substituição, pois com 4 meses ela já estava com seis quilos, e então, nunca mais quis utilizá-lo.

Em uma determinada unidade de educação infantil me deparei com 12 bebês confortos dentro de uma sala com pouco espaço, com crianças maiores de 6 meses. A maioria já havia feito 1 ano, e isso me trouxe muitas inquietações como, por exemplo, quais implicações podem trazer vários bebês-conforto espalhados pelo ambiente como se fossem brinquedos. Aquele primeiro contato com o ambiente me causou estranheza, não me transmitiu o sentimento de um lugar de acolhimento para os bebês. Segundo Bassedas, Huguet e Solé (1999, p. 106) “é preciso decorar e organizar o espaço de maneira que fique acolhedor, seguro, amplo e funcional para os deslocamentos. Um espaço harmonioso e funcional.”

A todo momento me questionava por que deixar as crianças se alimentando no bebê conforto, se elas já conseguem ficar firmes nos cadeirões? Porque dormir neles, ao invés de dormir em colchonetes? Por que não espalharem tapetes e almofadas criando cantinhos que eles possam explorar, ao invés de lhes deixar deitados nos bebês-conforto? Foram tantos porquês, e eles foram se tornando um grande desafio. Foi devido a tantos porquês, que refleti e resolvi escrever sobre esse objeto que vem servindo de apoio nas creches. Percebia que a criança a partir de um determinado tempo começava a se sentir desconfortável naquele objeto pequeno no qual deveria estar afivelada (e não estavam), os bebês ficam soltos quando estão no bebê-conforto causando um risco ainda maior para sua segurança.

Se por um lado os bebês correm riscos ao estarem expostos sem o uso do cinto de segurança, por outro possuem uma certa liberdade para saírem e explorarem o ambiente e interagirem sempre que quiserem. Mas, segundo o manual de instruções de uma certa marca de bebê-

conforto estão postos avisos importantes para uso da cadeira como bebê-conforto, muitas marcas trazem esses avisos fixados nas suas cadeirinhas, facilitando assim, que as pessoas que o utilizam evitem tais riscos, abaixo os transcrevo:

CUIDADO: nunca deixe a criança na cadeira sem vigilância;

- Sempre que estiver em uso, afivele o cinto de segurança, evitando acidentes que possam causar ferimentos graves ao seu bebê;
- Não permita que duas crianças utilizem simultaneamente a cadeira;
- Esta cadeira é ideal para bebês de até 10 Kg e medindo até 66 cm;
- Assegure-se de que a cadeira não fique exposta ao sol, pois algumas partes podem ficar muito quentes para a pele do bebê;
- A cadeira nunca deve ser usada sem o respectivo tecido, que constitui parte integrante do produto e não deve ser substituído por nenhum outro que não seja o original de fábrica;
- Na eventualidade de quebra de alguma parte ou peça da cadeira, entre em contato com uma assistência técnica autorizada⁹. (<https://www.colombo.com.br/produto/s/147154/147154.pdf?descricao=Manual>)

Os alertas acima citados vêm ao encontro do que abordo ao longo deste texto, no sentido de que este objeto não deve ser demonizado, mas que seu uso dentro de instituição de educação deve ser limitado. Que para os bebês estarem nele precisam estar com os cintos afivelados para as suas seguranças. Em contrapartida ao estarem presas ao cinto perderiam toda a sua liberdade de entrar e sair dele. Se por um lado, as professoras acham seguro deixar os bebês no bebê-conforto para atender alguma criança individualmente, por outro lado, o aviso mostra que este não é um local seguro para deixar sem que tenha vigilância e muito menos, sem vigilância e o cinto de segurança.

Estar no bebê-conforto é restringir os bebês a terem atitude para resolver seus conflitos internos e externos, pois este objeto acaba sendo utilizado para dormir, relaxar, alimentar-se, gerando comodidade para os bebês. Portanto, meu olhar como mãe e profissional da área da educação, fez com que eu refletisse sobre o ato indissociável de cuidar e educar.

⁹ Manual de instruções completo no Anexo B.

8. BEBÊ-CONFORTO E AS IMPLICAÇÕES PARA ALÉM DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

As crianças desde o nascimento aprendem e compreendem o mundo ao seu redor por intermédio dos sentidos, ou seja, vivenciando com seu próprio corpo. Estando inseridas nas instituições de educação infantil os bebês necessitam estar em constante movimento e interação, portanto, estar dentro do bebê-conforto por longo período diminui esta vivência. Para tanto, trago as pesquisadoras Bruna da Silva Duarte e Cleide Vitor Mussini Batista (2015) que afirmam que:

O bebê não nasce com estratégias e conhecimentos prontos para perceber as complexidades dos estímulos ambientais. Esta habilidade se desenvolve por meio das experiências vivenciadas por elas na relação com o outro, com o meio e com si mesma. Assim, é de extrema importância, possibilitar a criança experiências concretas tendo por base o desenvolvimento das habilidades sensoriais, de modo que esta aprendizagem é a base para o desenvolvimento de novas funções. (DUARTE e BATISTA, 2015, p.301)

Ainda nas palavras de Duarte e Batista (2015):

Na Educação Infantil este processo não pode ser diferente, pois o período dos 0 aos 5 anos que fará mais diferença no futuro, sendo a base para o desenvolvimento posterior. Deste modo, destacamos a importância da escola como local para além dos cuidados na Educação Infantil, porque é nele que a criança deve se envolver, interagir e agir com o meio, com o outro e com si mesma para apreender o mundo que a cerca e ir além apreendendo para além da imagem, mas também os significados por trás delas. (DUARTE e BATISTA, 2015, p.293)

Nesse contexto, a pesquisadora Durlei de Carvalho Cavicchia (2010) aborda que segundo a teoria de Piaget as crianças se encontram na fase sensório motor que:

Esta é a fase em que as ações ou operações de deslocamento da criança são realizadas mediante “grupos práticos”, através da coordenação motora, sem dar origem ainda à representação mental. A

ação é que cria o espaço, a criança não tem consciência dele. Os espaços criados pela ação — oral, visual, tátil, postural, auditivo etc. — ainda não são coordenados entre si, portanto, são heterogêneos. A criança parece considerar o mundo como um conjunto de quadros que aparecem e desaparecem. O tempo é simples duração sentida no decorrer da ação própria. (CAVICCHIA, 2010, p. 5)

Portanto, nesta fase é de suma importância que a professora facilite essa aprendizagem para que ocorra um desenvolvimento integral, instigando-os por meio da experimentação vindas no âmbito educacional. Essas experiências ocorrem dentro da rotina e no planejamento diário de acordo com a necessidade e faixa etária que se encontra o grupo.

A professora deve propiciar a criança experimentos como: higiene, alimentação, objeto diversos, espaços diversificados, incentivando o desenvolvimento e aprendizado por meio dos sentidos distinguindo assim cheiros, sons, consistências, tamanhos, cores, temperaturas, valores, texturas, imagens diversas, ritmo, espessura, entre outros. Neste sentido, Cavicchia ainda afirma que:

A alteração organismo-meio ocorre através do que Piaget chama processo de adaptação, com seus dois aspectos complementares: a assimilação e a acomodação. O conceito de adaptação surge, inicialmente, na obra de Piaget com o sentido que lhe é dado na Biologia clássica, lembrando um fluxo irreversível; vai se explicitando em momentos posteriores de sua obra, quando adquire o sentido de equilíbrio progressivo (equilíbrio majorante); finalmente, adquire o sentido de um processo dialético através do qual o indivíduo desenvolve as suas funções mentais, ao qual denomina “abstração reflexiva”. Esta adaptação do ser humano ao meio ambiente se realiza através da ação, elemento central da teoria piagetiana, indicando o centro do processo que transforma a relação com o objeto em conhecimento. Ao tentar se adaptar ao meio ambiente o indivíduo utiliza dois processos fundamentais que compõem o sistema cognitivo a nível de seu funcionamento: a assimilação ou a incorporação de um elemento exterior (objeto, acontecimento etc), num esquema sensorio-motor ou conceitual do sujeito e a

acomodação, quer dizer, a necessidade em que a assimilação se encontra de considerar as particularidades próprias dos elementos a assimilar. (CAVICCHIA, 2010, p.2)

Contudo, os dois primeiros anos de vida do bebê, ele desenvolve de maneira descentrada, e aos poucos ela vai acomodando e assimilando informações, adquirindo ao seu redor, encontrando-se no estágio sensório motor que é o principal instrumento de apoio para a compreensão de si mesmo e do mundo sob sua própria percepção. Sendo assim, trago Norma Lucia Neris de Queiroz *et al*, que afirma que:

(...) a criança constrói sua experiência de se relacionar com o mundo de maneira ativa, vivência experiências de tomadas de decisões. Em um jogo qualquer, ela pode optar por brincar ou não, o que é característica importante da brincadeira, pois oportuniza o desenvolvimento da autonomia, criatividade e responsabilidade quanto a suas próprias ações. (QUEIROZ *et al*,2006, p.170)

Sendo assim, devemos pensar nas implicações que este bebê-conforto pode trazer para além do desenvolvimento quando um bebê permanecer por um longo período nesse artefato. Pois, estando neste objeto o bebê diminui suas interações, vivências e experiências implicando no seu desenvolvimento cognitivo, psíquico, motor e social e autonomia.

PARA FINALIZAR

Esta pesquisa foi realizada na busca pelo entendimento do uso do bebê-conforto em sala nas instituições de educação infantil, visando um desenvolvimento e aprendizado no aspecto cognitivo, psíquico, motor e social.

Esse trabalho de investigação ajudou a ampliar e refletir sobre as ações pedagógicas no âmbito educacional tendo como objetivo primordial entender e compreender esse contexto cultural em que os bebês estão inseridos. E assim resgatar a interação social na sua plenitude, para que consiga abranger e valorizar o contexto social de cada indivíduo pertencente neste grupo. Pensando nessa interação a professora tem que ser a facilitadora desse processo de desenvolvimento ampliando assim o repertório cultural e diversificado desses bebês.

Enfim, entender e compreender sobre o bebê-conforto inserido no contexto educacional e mediar a ação da professora de maneira pensada e sensível para que o bebê-conforto seja uma ferramenta de apoio e não de uso fundamental, pois desta forma a professora limita os bebês de se expressarem corporalmente diante do que deseja almejar por estar neste artefato.

Por outro lado, com base nas pesquisas realizadas, reflito que este tipo de equipamento deve ser repensado dentro do ambiente escolar, pois durante o processo nada confirmou que o mesmo deve ser utilizado em outros lugares que não seja no veículo para o transporte em segurança.

Desta maneira os espaços deveriam ser organizados de forma aconchegante e estimulante para que os bebês que ali estão se sintam livre e estimulados para explorarem o que está sendo proposto. E assim possam interagir uns com os outros, num ambiente seguro tanto para eles, quanto para as professoras que precisam atender as necessidades de cada bebê pertencente do grupo.

No decorrer da pesquisa foi possível observar enquanto realizava busca em blogs, periódicos, revistas e sites que diversas áreas abordam sobre os perigos de se utilizar o bebê-conforto em outros espaços que não seja para o transporte. Porém em nenhum momento encontrei posicionamentos da área da educação, sendo que estes artefatos se encontram nas instituições de educação infantil como um objeto que auxilia na rotina dos bebês.

Sendo assim, encaminho-me para finalização deste TCC, ainda mais instigada a pensar e refletir acerca da utilização do bebê conforto nas instituições de educação, principalmente por saber, após as pesquisas realizadas ao longo da construção deste trabalho, que se trata de um tema

pouco pesquisado. Diante disto, vislumbro pensar em novas possibilidades de pesquisa para quem sabe buscar respostas concretas sobre o tema abordado e assim não me afetar tanto com essas inquietações.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Kátia Adair. O Espaço da Creche: que lugar é este? Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/84752/198176.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: abril de 2019.

AGOSTINHO, Kátia Adair. O Espaço da Creche: que lugar é este?. GT: Educação de crianças de 0 a 6 anos/ n. 07. 27ª Reunião Anual da Anped, 2004. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/sites/default/files/t073.pdf>>. Acesso em: 25 de abril de 2019.

ANDRADE Paula Deporte de; COSTA Marisa Vorraber. NOS RASTROS DO CONCEITO DE PEDAGOGIAS CULTURAIS: INVENÇÃO, DISSEMINAÇÃO E USOS. Educação em Revista. Belo Horizonte. n.33. e157950. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v33/1982-6621-edur-33-e157950.pdf>>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Por amor e por força: rotinas na educação Infantil/ Maria Carmen Silveira Barbosa. – Porto Alegre: Artmed, 2006.

BASSEDAS, Eulália. Aprender, e ensinar na educação infantil/ Eulália Bassedas, Teresa Huguet & Isabel Solé; trad. Cristina Maria de Oliveira. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Diário Oficial da União, Brasília, 18 de dezembro de 2009, Seção 1, p. 18. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2298-rceb005-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 29 de junho de 2019.

BRASIL. BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantil>>. Acesso em julho de 2019.

BRASIL. Decreto-Lei N.º 5.452, de 1º de maio de 1943. Brasília, DF. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/De15452.htm>. Acesso em: 20 de maio de 2018.

BRASIL. Conselho Nacional de Trânsito (CONTRAN) Lei 9503, de 23 de setembro de 1997. Brasília, DF. Disponível em: < http://www.denatran.gov.br/download/Resolucoes/RESOLUCAO_CONTRAN_277.pdf>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2019.

CAVICCHIA, Durlei de Carvalho. O desenvolvimento da criança nos primeiros anos de vida. Universidade Estadual Paulista – UNESP. 2010. Disponível em:<<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/224/1/01d11t01.pdf>>. Acesso em: 28 junho de 2019.

COSTA, Marisa Vorraber. Sobre os estudos culturais. In: Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema.../Organizado por Marisa Vorraber Costa. – Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000.

Disponível em:
<https://revistacrescer.globo.com/Bebes/Seguranca/noticia/2016/07/bebe-conforto-atencao-ao-usar-o-acessorio-fora-do-carro.html>. Acesso em: 10 de maio de 2018.

Disponível em: <<http://www.portalmedicinaesaudef.com.br/medicina-antroposofica-pediatria.html>>. Acesso em: 10 de maio de 2018.

Disponível em: <<https://antesqueelescrescam.com/2014/05/29/bebe-conforto-use-com-moderacao/>>. Acesso em: 10 de maio de 2018.

Disponível em:
<<http://blog.emporiodobebeecia.com/index.php/2016/06/15/tem-problema-deixar-o-bebe-dormir-no-bebe-conforto/>>. Acesso em: 08 de junho de 2018.

Disponível em:
<<https://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2013/06/13/noticias-saude,194429/bebe-conforto-e-necessario-e-util-mas-nao-deve-substituir-o-colo.shtml>>. Acesso em: 10 de junho de 2018.

Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/118/educacao-infantil-lugar-aprendizagem-creche-pre-escola>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2019.

Disponível em:

<<https://www.colombo.com.br/produtos/147154/147154.pdf?descricao=Manual>>. Acesso em: 20 de abril de 2019.

DUARTE, Bruna da Silva; BATISTA, Cleide Vitor Mussini. DESENVOLVIMENTO INFANTIL: Importância das Atividades Operacionais na Educação Infantil. In: XVI Semana da Educação - Desafios atuais para a Educação. 2015. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/semanaeducacao/pages/arquivos/ANAIS/ARTIGO/SABERES%20E%20PRATICAS/DESENVOLVIMENTO%20INFANTIL.pdf>>. Acesso em: 08 de junho de 2019.

DUARTE, Rosália. PESQUISA QUALITATIVA: REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO DE CAMPO. Cadernos de Pesquisa, n. 115, p. 139-154, março/ 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115.pdf>>. Acesso em: 15 de abril de 2019.

FABRIS, Elí Henn'. Hollywood e a produção de sentidos sobre o estudante. In: Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema.../Organizado por Marisa Vorraber Costa. – Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000.

Gil, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

HORN, Maria da Graça Souza. Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil/ Maria da Graça Souza Horn. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MUNIZ, Jacira Karla Bosquetti. “OLHA SÓ, ELE ME ENGANOU! ESTAVA COM SONO ATÉ AGORA...”. O QUE NOS DIZEM OS BEBÊS? APROXIMAÇÃO ÀS PRÁTICAS DE CUIDADO A PARTIR DA ETNOGRAFIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL. Dissertação de Mestrado – PPGE-UFSC. Florianópolis, 2017. Disponível em:<http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/27_04_2018_16.09.08.f69e189b372c3aa5de044a971e28b500.pdf>. Acesso em: 15 de abril de 2019.

PIRES, Adriane Regina Scaranti; MORENO, Gilmara Lupion. ROTINA E ESCOLA INFANTIL: ORGANIZANDO O COTIDIANO DE CRIANÇAS DE 0 A 5 ANOS. In: EDUCERE – XII Congresso Nacional de Educação. Paraná – PUCPR, 2015. Disponível em : <

https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/15902_9267.pdf>. Acesso em 15 de abril de 2019.

QUEIROZ, Norma Lucia Neris de; MACIEL, Diva Albuquerque and BRANCO, Angela Uchôa. Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. *Paidéia* (Ribeirão Preto) [online]. 2006, vol.16, n.34, pp. 169-179. ISSN 1982-4327.

RODRIGUES, Zoleima Pompeo. A inserção na relação educativo-pedagógica na educação infantil. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2017.

SANTOS, Cláudia Amaral dos. A invenção da Infância Generificada: A Pedagogia da Mídia Impressa Constituindo as Identidades de Gênero – Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/4979>>. Acesso em: abril de 2019.

SILVA, Lucélia de Almeida. O uso do tempo no cotidiano de bebês. 2015. 106 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de Identidade: Uma Introdução às Teorias de Currículo. 3ª Edição. Editora Autêntica. 2010.

VASCONCELOS, Cleido Roberto Franchi e; AMORIM, Katia de Souza; ANJOS, Adriana Mara dos and FERREIRA, Maria Clotilde Rossetti. Incompletude como Virtude: Interação de Bebês na Creche. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. 2003, 16(2), pp. 293-301.

WEISS, E. M. G. Educação Infantil: espaço de educação e de cuidado. In: FLÔR, D. C.; DURLI, Z. Educação infantil e formação de professores. Florianópolis: UFSC, 2012. p. 129-140. Disponível em: <http://ndi.ufsc.br/files/2013/09/Livro-educ_infantil-e-forma%C3%A7%C3%A3o-de-professores.pdf>. Acesso em: 10 de outubro de 2018.

ANEXOS

ANEXOS A – RESOLUÇÃO CONTRAN Nº 277, DE 28 DE MAIO DE 2008

RESOLUÇÃO N.º 277, DE 28 DE MAIO DE 2008 Dispõe sobre o transporte de menores de 10 anos e a utilização do dispositivo de retenção para o transporte de crianças em veículos.

O CONSELHO NACIONAL DE TRÂNSITO - CONTRAN, no uso das atribuições legais que lhe confere o Art. 12, inciso I, da Lei 9503, de 23 de setembro de 1997 que institui o Código de Trânsito Brasileiro, e conforme o Decreto 4711 de 29 de maio de 2003, que trata da coordenação do Sistema Nacional de Trânsito, e

Considerando a necessidade de aperfeiçoar a regulamentação dos artigos 64 e 65, do Código de Trânsito Brasileiro;

Considerando ser necessário estabelecer as condições mínimas de segurança para o transporte de passageiros com idade inferior a dez anos em veículos, resolve:

Art.1º Para transitar em veículos automotores, os menores de dez anos deverão ser transportados nos bancos traseiros usando individualmente cinto de segurança ou sistema de retenção equivalente, na forma prevista no Anexo desta Resolução.

§1º. Dispositivo de retenção para crianças é o conjunto de elementos que contém uma combinação de tiras com fechos de travamento, dispositivo de ajuste, partes de fixação e, em certos casos, dispositivos como: um berço portátil porta-bebê, uma cadeirinha auxiliar ou uma proteção anti-choque que devem ser fixados ao veículo, mediante a utilização dos cintos de segurança ou outro equipamento apropriado instalado pelo fabricante do veículo com tal finalidade.

§2º. Os dispositivos mencionados no parágrafo anterior são projetados para reduzir o risco ao usuário em casos de colisão ou de desaceleração repentina do veículo, limitando o deslocamento do corpo da criança com idade até sete anos e meio.

§ 3º As exigências relativas ao sistema de retenção, no transporte de crianças com até sete anos e meio de idade, não se aplicam aos veículos de transporte coletivo, aos de aluguel, aos de transporte autônomo de passageiro (táxi), aos veículos escolares e aos demais veículos com peso bruto total superior a 3,5t.

Art. 2º Na hipótese de a quantidade de crianças com idade inferior a dez anos exceder a capacidade de lotação do banco traseiro, será admitido o transporte daquela de maior estatura no banco dianteiro, utilizando o cinto de segurança do veículo ou dispositivo de retenção adequado ao seu peso e altura.

Parágrafo único. Excepcionalmente, nos veículos dotados exclusivamente de banco dianteiro, o transporte de crianças com até dez anos de idade poderá ser realizado neste banco, utilizando-se sempre o dispositivo de retenção adequado ao peso e altura da criança.

Art. 3º. Nos veículos equipados com dispositivo suplementar de retenção (*airbag*), para o passageiro do banco dianteiro, o transporte de crianças com até dez anos de idade neste banco, conforme disposto no Artigo 2º e seu parágrafo, poderá ser realizado desde que utilizado o dispositivo de retenção adequado ao seu peso e altura e observados os seguintes requisitos:

I – É vedado o transporte de crianças com até sete anos e meio de idade, em dispositivo de retenção posicionado em sentido contrário ao da marcha do veículo.

II – É permitido o transporte de crianças com até sete anos e meio de idade, em dispositivo de retenção posicionado no sentido de marcha do veículo, desde que não possua bandeja, ou acessório equivalente, incorporado ao dispositivo de retenção;

III - Salvo instruções específicas do fabricante do veículo, o banco do passageiro dotado de *airbag* deverá ser ajustado em sua última posição de recuo, quando ocorrer o transporte de crianças neste banco.

Art. 4º. Com a finalidade de ampliar a segurança dos ocupantes, adicionalmente às prescrições desta Resolução, o fabricante e/ou montador e/ou importador do veículo poderá estabelecer condições e/ou restrições específicas para o uso do dispositivo de retenção para crianças com até sete anos e meio de idade em seus veículos, sendo que tais prescrições deverão constar do manual do proprietário.

Parágrafo único. Na ocorrência da hipótese prevista no caput deste artigo, o fabricante ou importador deverá comunicar a restrição ao DENATRAN no requerimento de concessão da marca/modelo/versão ou na atualização do Certificado de Adequação à Legislação de Trânsito (CAT)

Art. 5º. Os manuais dos veículos automotores, em geral, deverão conter informações a respeito dos cuidados no transporte de crianças, da necessidade de dispositivos de retenção e da importância de seu uso na forma do artigo 338 do CTB.

Art 6º. O transporte de crianças em desatendimento ao disposto nesta Resolução sujeitará os infratores às sanções do artigo 168, do Código de Trânsito Brasileiro.

Art 7º. Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação, produzindo efeito nos seguintes prazos:

I – a partir da data da publicação desta Resolução as autoridades de trânsito e seus agentes deverão adotar medidas de caráter educativo para esclarecimento dos usuários dos veículos quanto à necessidade do atendimento das prescrições relativas ao transporte de crianças;

II - a partir de 360 (trezentos e sessenta) dias após a publicação desta Resolução, os órgãos e entidades componentes do Sistema Nacional de Trânsito deverão iniciar campanhas educativas para esclarecimento dos condutores dos veículos no tocante aos requisitos obrigatórios relativos ao transporte de crianças;

III - Em 730 dias, após a publicação desta Resolução, os órgãos e entidades componentes do Sistema Nacional de Trânsito fiscalizarão o uso obrigatório do sistema de retenção para o transporte de crianças ou equivalente.

Art. 8º Transcorrido um ano da data da vigência plena desta Resolução, os órgãos executivos de trânsito dos Estados e do Distrito Federal, bem como as entidades que acompanharem a execução da presente Resolução, deverão remeter ao órgão executivo de trânsito da União, informações e estatísticas sobre a aplicação desta Resolução, seus benefícios, bem como sugestões para aperfeiçoamento das medidas ora adotadas.

Art. 9º O não cumprimento do disposto nesta Resolução sujeitará os infratores às penalidades prevista no art. 168 do CTB.

Art.10º Fica revogada a Resolução n.º 15, de 06 de janeiro de 1998, do CONTRAN

Alfredo Peres da Silva
 Presidente
 José Antonio Silvério
 Ministério da Ciência e Tecnologia
 Rui César da Silveira Barbosa
 Ministério da Defesa
 Elcione Diniz Macedo
 Ministério das Cidades
 Edson Dias Gonçalves
 Ministério dos Transportes
 Valter Chaves Costa
 Ministério da Saúde

DISPOSITIVO DE RETENÇÃO PARA TRANSPORTE DE CRIANÇAS EM VEÍCULOS AUTOMOTORES PARTICULARES

OBJETIVO: estabelecer condições mínimas de segurança de forma a reduzir o risco ao usuário em casos de colisão ou de desaceleração repentina do veículo, limitando o deslocamento do corpo da criança.

1 – As Crianças com até um ano de idade deverão utilizar, obrigatoriamente, o dispositivo de retenção denominado “bebê conforto ou conversível” (figura 1)



Figura 1

2 – As crianças com idade superior a um ano e inferior ou igual a quatro anos deverão utilizar, obrigatoriamente, o dispositivo de retenção denominado “cadeirinha” (figura 2)

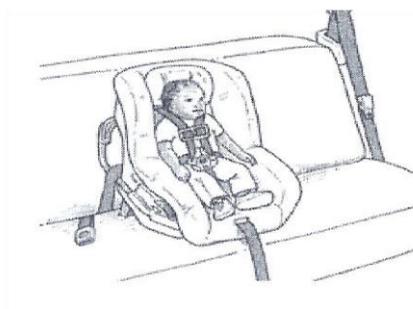


Figura 2

3 – As crianças com idade superior a quatro anos e inferior ou igual a sete anos e meio deverão utilizar o dispositivo de retenção denominado “assento de elevação”.

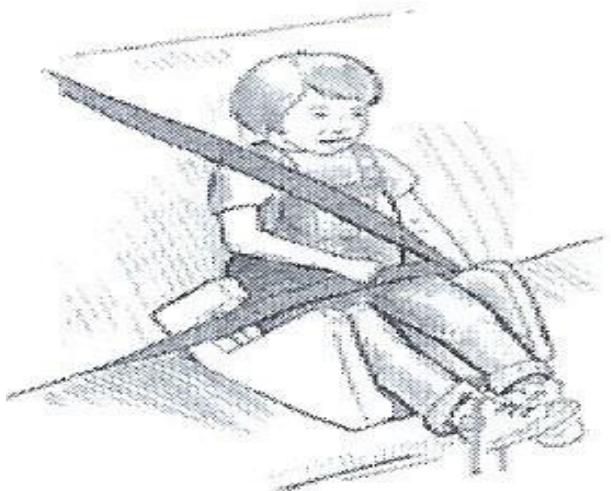


Figura 3

4 – As crianças com idade superior a sete anos e meio e inferior ou igual a dez anos deverão utilizar o cinto de segurança do veículo (figura 4)

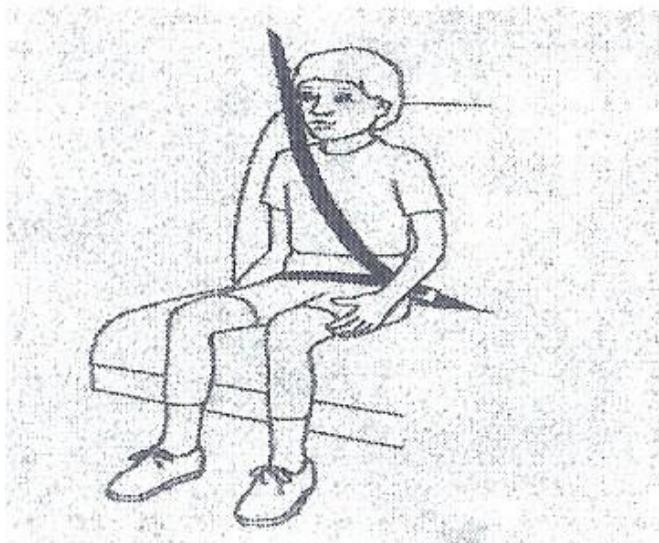


Figura 4

ANEXO B - MANUAL DE INSTRUÇÕES BEBÊ-CONFORTO
GALZERANO



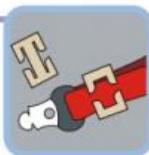
Manual de Instruções
Bebê Conforto - Piccolina
(Ref. 8140)





Projetada e recomendada para o uso por crianças do grupo 0+, com peso até 13 kg, somente na posição voltada para "trás", em posição do veículo dotada de cinto de segurança de 3 pontos, não dotado de "air-bag".

3



IMPORTANTE: Quando utilizar cinto de segurança retrátil, prenda suas tiras com o clip "T", junto ao fecho. O clip "T" acompanha o dispositivo de retenção Piccolina e fica guardado no saco plástico de manuais.

4



PARA PRENDER A CRIANÇA NO DISPOSITIVO DE RETENÇÃO

Acomode-a confortavelmente no dispositivo de retenção e afivela o cinto, unindo as duas metades da fivela, como mostra a figura, encaixando-as na parte inferior do cinto (Fig. 1). Puxe para fora a faixa localizada no assento até que o cinto esteja bem firme de encontro ao corpo da criança, porém de modo que fique confortável, sem apertá-lo em demasia (Fig. 2). Tome cuidado para que as faixas não fiquem torcidas, causando desconforto ou prejudicando a segurança da criança (Fig. 3).



PARA SOLTAR A CRIANÇA DO DISPOSITIVO DE RETENÇÃO

Aperte o botão do fecho de segurança para soltar as faixas torácicas e retire a criança (Fig. 4).

5



A dispositivo de retenção possui uma alça reclinável para auxiliar no transporte manual. Para ajustá-la, pressione os botões vermelhos laterais e posicione a alça na posição desejada.

6



O dispositivo de retenção possui uma capota retrátil, que pode ser retirada soltando os velcros situados na parte da capota que fica na alça.

7



PARA RETIRAR O TECIDO PARA LAVAGEM

Pressione as travas vermelhas localizadas nas laterais do assento para inclinar a alça (Fig. 1). Solte as fivelas do cinto de segurança, retire o redutor do bebê (Fig. 2) e o acolchoado da fivela do cinto de segurança (Fig. 3, 4 e 5). Em seguida, retire o tecido, que é preso ao dispositivo de retenção apenas por elástico (Fig. 6).

Recomendações Importantes

Para o uso da cadeira em automóveis

- **ATENÇÃO:** Como os fabricantes, modelos e ano de produção dos carros diferem muito uns dos outros, não é garantido que esta cadeira sirva em todos os carros, mas sim, em sua grande maioria;
- **ATENÇÃO:** Não use esta cadeira em carros equipados com air-bag traseiro. O air-bag infla rapidamente e pode jogar com muita força a cadeira contra o encosto do banco, o que pode machucar a criança;
- **ATENÇÃO:** A correta adaptação é apropriada se o fabricante do veículo declarar no manual que o veículo aceita um dispositivo de retenção (cadeira) para crianças "universal" para este grupo de idade;
- Em caso de dúvidas, consulte o fabricante do dispositivo de retenção (cadeira) para crianças ou o vendedor;
- Esta cadeira foi projetada para o uso em veículos dotados de cinto de segurança retrátil de 3 pontos aprovados segundo as normas;
- Não use a cadeira em veículos que estejam equipados somente com cinto de 2 pontos;
- **CUIDADO:** Nunca deixe a criança na cadeira sem vigilância;
- Antes de colocar a criança na cadeira, certifique-se de que esteja devidamente instalada e travada (siga as instruções de montagem do manual que acompanha o produto);
- É importante que o cinto da cadeira seja colocado na parte de baixo, junto à pélvis da criança, e esteja firmemente ajustado;
- Não deixe que as tiras do cinto de segurança da cadeira estejam "torcidas"; isto pode comprometer o ajuste, causando ferimentos ao bebê;
- Nunca utilize uma cadeira usada que tenha estado em algum acidente. Troque os dispositivos de trava do cinto de segurança do carro, sempre que tenham sido submetidos a violentos esforços em caso de acidente;
- Crianças de até 10 Kg podem ter tamanhos diferentes; verifique se a altura da criança que utiliza a cadeira não ultrapassa a altura do encosto (a cabeça da criança deve estar no máximo alinhada com o topo do encosto). Se ultrapassar, será necessário trocar a cadeira por um modelo maior, para evitar ferimentos em caso de colisão (efeito "chicote");
- Esta cadeira é ideal para bebês de até 10 Kg e medindo até 66 cm;
- Para maior proteção, recomendamos instalar a cadeira na posição central do banco traseiro do automóvel, a menos que esta posição não possua cinto de segurança de 3 pontos;
- Esta cadeira não deve, em hipótese alguma, ser instalada no banco dianteiro, o que pode causar ferimentos graves e perigo de morte ao bebê no caso de uma colisão ou freada brusca;
- Esta cadeira é para ser usada somente na posição voltada para trás, nunca devendo ser usada na posição voltada para a frente;
- Assegure-se de que a cadeira não fique exposta ao sol, pois algumas partes podem ficar muito quentes para a pele do bebê;
- A cadeira nunca deve ser usada sem o respectivo tecido, que constitui parte integrante do produto e não deve ser substituído por nenhum outro que não seja o original de fábrica;
- Não modifique nem faça uso de acessórios ou peças que não as originais da cadeira. **Além de desnecessárias, podem comprometer a segurança e o uso adequado da cadeira, podendo causar sérios danos e ferimentos em caso de acidente;**
- Siga corretamente as instruções deste manual a fim de garantir uma instalação e utilização segura desta cadeira;
- Prenda sempre a cadeira (mesmo vazia - sem o bebê) no banco do automóvel, evitando

que no caso de uma freada brusca ou colisão, ela possa ferir os passageiros do automóvel;

- Não deixe objetos soltos ou qualquer tipo de bagagem no banco de trás do automóvel. Acomode-os em local adequado para que não possam causar ferimentos em caso de acidente;
- Nunca use mantas, acolchoados, almofadas etc. diretamente na cadeira, caso necessário (se estiver frio etc.) acomode o bebê na cadeira e depois cubra-o com a manta;
- Sempre que estiver em uso, afixe o cinto de segurança, evitando assim acidentes que podem causar ferimentos graves ao seu bebê;
- Na eventualidade de quebra de alguma parte ou peça da cadeira, entre em contato com uma Assistência Técnica Autorizada. **NÃO TENTE CONSERTAR A CADEIRA**
- **CUIDADO:** Mantenha o saco plástico da embalagem longe do alcance das crianças, evitando assim o perigo de asfixia.

Para o uso da cadeira como bebê conforto

- **CUIDADO:** nunca deixe a criança na cadeira sem vigilância;
- Sempre que estiver em uso, afixe o cinto de segurança, evitando acidentes que possam causar ferimentos graves ao seu bebê;
- Não permita que duas crianças utilizem simultaneamente o cadeira;
- Esta cadeira é ideal para bebês de até 10 Kg e medindo até 66 cm;
- Assegure-se de que a cadeira não fique exposta ao sol, pois algumas partes podem ficar muito quentes para a pele do bebê;
- A cadeira nunca deve ser usada sem o respectivo tecido, que constitui parte integrante do produto e não deve ser substituído por nenhum outro que não seja o original de fábrica;
- Na eventualidade de quebra de alguma parte ou peça da cadeira, entre em contato com uma assistência técnica autorizada. **NÃO TENTE CONSERTAR A CADEIRA;**
- **CUIDADO:** Mantenha o saco plástico da embalagem longe do alcance das crianças, evitando assim o perigo de asfixia.

Cuidados Especiais de Limpeza e Conservação

Para tecidos de algodão

- Lavar com sabão neutro;
- Lavar com água em temperatura de até 40°C;
- Não lavar na máquina;
- Não usar produtos alvejantes;
- Não usar produtos que contenham cloro ou perborato(bleach);
- Não torcer;
- Não deixar de molho;
- Não escovar;
- Não lavar com solventes químicos;
- Secar à sombra;
- Temperatura máxima de passar: 150°C;

Para tecidos de poliéster

- Não lavar com cloro;
- Não lavar a seco;
- Temperatura de lavagem: 40°C;
- Secar à sombra;
- Não deve ser submetido a altas temperaturas de lavagem ou de ferro, passar a no máximo 110°C;
- Não deve ser passado com ferro a vapor;

Limpeza da estrutura

- Não usar detergentes ou qualquer outro produto químico;
- Limpar as partes plásticas somente com água fria e sabão neutro.

Instruções de conservação

- Sujeira pode entupir os poros do tecido, acumulando dentro da peça;
- Ventilar as peças;
- Deixar secar sempre em posição plana;